

MARILIA
D E
DIRCEO.

PO R T. A. G.

PARTE III.

Nova Edição.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1820.

*Com licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

PROLOGO.

Sem nos constituirmos ingratos, não nos podíamos subtrahir á publicação desta Terceira Parte da *MARILIA de DIASCO*. A acceitação com que o respeitável Públlico recebeu a Primeira, e Segunda Parte, exigia huma impreterivel correspondência; por cujo motivo não nos quisermos poupar ao excessivo trabalho de recolher com a mais exacta legalidade os Versos, de que se compõe este Folheto, obtidos das mãos de alguns Curiosos, quer por saberem avaliar o merecimento do seu Author, com todo o cuidado os conservavao.

Poucos Poetas até o presente tem cantado tão bem amor, e ternura,

como o nosso: elle nos descreve a natureza em toda a sua energia; e com as mais sensiveis, e modestas cores nos pinta os effeitos de huma viva paixaõ. Aonde se encontraõ tantas bellezas, tanto mimo Poetico como na prezente Collecção! Nós vemos dispersas por esta Obra a brandura dos *Matos*, a pureza dos *Quitas*, a sublimidade dos *Gargões*; em fim a suavidade, e as mais graças, que em particular se admiraõ em cada hum dos mais celebrados Poetas, encontrámos, bem como em compendio, nos versos do nosso Poeta.

A prompta extracção de quasi dous mil exemplares da Primeira, e Segunda Parte destas Lyras em menos de seis mezes, he hum ir-

refragavel argumento , do que acabamos de dizer ; apenas appareceo a Primeira Parte , de tal sorte foi recebida , dos que amão os encantos da Poesia , que nos vimos precisados a reimprimi-la , para satisfaçermos a quem no-la buscava ; motivos estes , que cooperáraõ para a publicaçãõ desta Terceira Parte , que não só pelo seu merecimento , como por completar a Collecçãõ , esperamos corra a mesma fortuna das outras ; ficando por este modo satisfeitos os senhores Curiosos , que este he só o interesse , que desejamos alcançar das despezas , e longos trabalhos , que tivemos em proporcionar-lhes a satisfaçãõ do seu gosto .

• • • • • • • • • •

MARILIA

D E
D I R C E O.

L Y R A . I.

Como alegre vem nascendo
A serena madrugada !
Já d'aurora a luz dourada
Duvidosa vem raiando.

E tu descansando ,
Marilia formosa ,
Escutar não vens
Minha voz saudosa,

O suave rouxinol
Já desampara o seu ninho ;
E no torcido raminho
Namorado está cantando.

E tu descansando,
 Marilia formosa,
 Escutar não vens
 Minha voz saudosa.

O solicite pastor
 Lá sae do pobre agasalho;
 E pelo rude trabalho
 O descanso vai deixando.

E tu descansando,
 Marilia formosa,
 Escutar não vens
 Minha voz saudosa.

Ainda a luz matutina
 Com a noite s'equivocava:
 Já eu, ó Marilia, estava
 Pelo teu nome chamando.

E tu descansando,
 Marilia formosa,
 Escutar não vens
 Minha voz saudosa.

Naõ penses que desgostoso,
 Queixas fôrmô contr' Amor;
 Mil canções em teu louvor
 Brandamente estou cantando.

E tu descansando,
 Marilia formosa,
 Escutar naõ vens
 Minha voz saudosa.

Canto ao som da minha Lyra
 Tua rara perfeição,
 Com que Amor doura o grilhão,
 Que alegre vou arrastando.

E tu descansando,
 Marilia formosa,
 Escutar naõ vens
 Minha voz saudosa.

JO

M A R I L I A

Mas que sobresalto! em sejo com
No prado andar Inama Estrela.
Ah! naõ , be Marilia bella,
Que para mim vem chegando.
Delicias deixando,
Marilia formosa ,
Vem meiga escutar
Minha voz saudosa.

LYRA II.

Numa escuta grata,
Funebre, e sombria,
Onde entrar não pode
Esplendor do dia.

O Mago Sileno
Sózinho habitava
E nella d'amor
Misterios sondava.

O terno Dirceo
A este sitio corre:
Dirceo, que d'amores
Por Marilia morre.

Eis que ao sitio chega
Que horrores exala
Desta sorte ao Mago,
Tremendo lhe falla :

Oh ! tu graõ Sileno,
Que á força d'encanto
Tornas em prazer
D'amantes e pranto.

Dize-me, se tanto
Poder em ti ha:
A minha Marilia
Constante será ?

Basta: diz o Mago;
E sem se deter,
Em hum livro pega,
E se pôz a lér.

Ossos serpentinos,
Seccos, e mirrados,
A arder logo põe
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende,
 Esparge no fumo
 D'hervas venenosas.
 Pestifero çumo.

Tres vezes invoca
 D'Erycina o nome ;
 Em quanto a materia
 O fogo consome.

Apenas s' extingue ,
 Estrondo s' escuta ;
 Que até de temor
 Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
 Amor apparece ;
 Que com maõ mimosa
 Huma coroa tece.

Escute , Dirceo ,
Amante feliz ;
Com huma voz divina
Amor entaõ diz :

*Mais firme, que a rocha
Dos ventos soprada;
Marilia será
Por Dirceo amada.*

L Y R A III.

Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça siemada ;
Adeos , Marilia adorada ,
Vil desterro vou soffrer.

Auzente de ti , Marilia ,
Que farei ? irei morrer.

Que vá para longes terras ,
Intimaremp-me eu ouvi ;
E a pena que entaõ senti ,
Justos Ceos ! naõ sei dizer.

Auzente de ti , Marilia ,
Que farei ? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma ; e por negaça.
Me está dizendo-a desgraça ,
Auzente de ti , Marilia ,
Que farei ? irei morrer.

Por deixar os patrios Lares,
 Não me fere o sentimento ;
 Porém suspiro, e lamento
 Por tão cedo te perder.
 Auzente de ti, Marilia,
 Que farei ? irei morrer.

Não saõ as horas que perco,
 Quem motiva a minha dôr ;
 Mas sim ver, que o meu amor
 Este fim havia ter.
 Auzente de ti, Marilia,
 Que farei ? irei morrer.

A maõ do fado, invejoso
 Vai quebrando em mil pedaços
 Os doces, suaves laços,
 Com qu' amor nos quiz prender.
 Auzente de ti, Marilia,
 Que farei ? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.

Auzente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

L Y R A IV.

Que vezes julga, que morre
Hum naufragante no mar ;
E entaõ a sorte o socorre ,
Levando-o a salvaçao !

Só eu na escura prizaõ ,
Aonde morrendo vivo ,
Naõ encontro lenitivo
Na minha dura afflicçao .

Lutando com a pobreza ,
Vive o mortal indigente ;
Té que a próvida riqueza
O tira da precisaõ .

Só eu na escura prizaõ ,
Aonde morrendo vivo ,
Naõ encontro lenitivo
Na minha dura afflicçao .

Combatendo o inimigo
 Encontra o Soldado a sorte,
 Qu'o livra de todo o p'riso
 Na mais arriscada acçao.

Só eu na escura prisaõ,
 Aonde morrendo vivo,
 Não encontro lenitivo
 Na minha dura afflicçao.

Ao som do pezado ferro
 Chora o triste degradado ;
 Té que o livra do desterro
 Huma poderosa maõ.

Só eu na escura prisaõ,
 Aonde morrendo vivo,
 Não encontro lenitivo
 Na minha dura afflicçao.

20 M A R I L I A

No carcere , ou no degredo ,
Na doença , ou na pobreza ,
Ou lá mais tarde , ou mais cedo
Todos tem consolaçāo.

Tambem eu nesta prizaō ,
Aonde morrendo vivo ,
He Marilia o lenitivo
Na minha dura afflicçāo.

L Y R A . V.

Fulgidas Estrellas
Logo s' amortecem,
Tanto que apparecem
De Titan os raios.

Tambem se Marilia
Mostra a face pura;
Toda a formosura
Padece desmaios.

Seu lindo resto;
Encantador
He doce paga
Do meu amor.

E Y R A VI.

Vaidosa a Fortuna
 Da sua riqueza
 D'amor escarnece
 A triste pobreza.

Risonha o conduz
 A seu Templo, aonde
 Immensas riquezas
 Dos mortaes esconde.

As portas do Templo
 De fino ouro sao ;
 E em rijos brilhantes
 Cravadas estaõ.

Apenas que as ve
 A Deosa potente ,
 Qual o relampago ,
 Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vê tão sómente
Safiras, rubins,
E o metal fulgente.

De hum lado em cofres
Que só d'ouro saõ,
Corôas, e Sceptros
Fechados estaõ.

E para outro lado
Espadas, bastões,
E corôas de louro
Estaõ aos montes.

Pelo chaõ sem num'ro
Rólaõ diamantes
Pedras preciosas,
Metaes rutilantes.

Em eburneo throno,
Qual outro naõ ha,
A Deosa s' assenta
Se no Templo está.

Em fúlgidos vasos
Ante o seu altar,
Comas Nabatheas
Ardem sem cessar.

A Amor com vaidade

A Deosa mostrava

Toda esta riqueza,

Que em seu Templo estava.

Depois com desdem,

Surrindo lhe diz :

Então meu menino

Tu és tão feliz?

O terno Cupido

Que de raiva estalla,

A Deosa volvetei

Desta sorte falla-t

Se de ouro, nem pedras

Tu vés sou senhor;

Tambem tenho bens

De maior valor.

Dizendo isto partem
Em voo despedido
Ao Templo, onde amou-se
Se ventra em Gredo.

Agora verás
Lhe diz : *hum thesâmo,*
Que val muito mais,
Que todo o teu Ouro.

Contente lhe mostra
Marilia engracada,
De amantes dezejos
Em torno cercada.

Eisque a Deosa vê.
Marilia formosa ;
Confessa a victoria,
E foge raivosa.

LYRA VIE.

Em quanto o sordido aváro
No seu thesouro empregado,
Sem cessar conta o dinheiro
Com mil usuras ganhado :
Sem jámais descânço ter
Com o receio de o perder :

Em quanto no fragil vaso
Corta o Nauta o salso mar,
Para de longiquas terras
Os cabedaes transportar;
Arriscando nesta lida
Com a riqueza a propria vida:

Em quanto audaz General
Com ataques, e sortidas
Manda á fria Libitina
Com a sua tristes vidas;
Só para fazer distinto
O seu nome do sangue tinto:

Eu à margem deste rio
Onde o gado a pastar deito,
De Marilia a doce imagem
Conservo dentro em meu peito:
E ao som da suave Lyra
Canto idéas que amor me inspira.

L Y R A VIII.

Hum dia que o gado
 No prado guardava ;
 Amor me apparece
 Com arco , e aljava .
 No tronco mais verde
 Que no prado houvesse
 Amor me mandou ,
 Seu nome escrevesse .

Contente parti
 Hum tronco buscar ,
 Para nelle as ordens
 Prompto executar .

No tronco d'um freixo
 Que viçoso vi ;
 Quiz gravar amor ,
 Marilia escrevi .

30 M A R I L I A

- Tanto que amor vê
O engano feliz,
O nome hei jando,
Alegre me diz :

*Não temas Díceas
Não mudes de cor;
Nesse doce nome
Escraveste amor.*

L Y R A IX.

Como correm brandamente
Da noite as horas sombrias !
Que manso murmurio fazem
Deste ribas agoas frias.

A negra tristeza
Que o sião produz
Minha alma conduz
A mil agonias.

As opacas , grossas nuvens
Que do Sul correndo viaõ ,
A furto deixaõ raiar
Da Lua o fraco claraõ.

A palida luz
Q' a medo apparece ;
Ah ! quanto entristece
Esta solidao.

Noctivagas aves giraõ.

Neste lugar pavoroso;

E quanto he melancolico;

O seu grsnido horroroso!

Seu funebre Canto,

Correio d'affliçao,

Faz meu coraçao

Mais triste, e saudoso.

Em busca de infeliz preza,
 Huns com os outros topando,
 Andaõ carnivoros lobos
 Pelos montes ululando.

E se acaso pastaõ

Por estes arbustos,

Mil gélidos sustos

Me estaõ motivando.

Em fim quanto vejo, e sinto
Nesta triste solidao:
Tudo estã reproduzindo
A mais horrida afflïçao.

Funebres horrores
Que causaõ espanto
Meu lugubre pranto
Promovendo estaõ.

Mas se Marilia agora
Neste horror apparecia;
Depressa a noite mudava
Mais brilhante do que o dia,
Seus olhos formosos,
Que mil prizões tecem,
Aonde apparecejn
Tudo he alegria.

L Y R A X.

Abella Cyt n'rea
Do rosto claro
Lagrimas correm
Por ter perdido
O filho caro.

Ternos soluços
 D'alma nascidos
A Deosa exhala ;
E aos ares sobem
Com mil gemidos.
 Aos Ceos dirige,
 Amarga queixa ;
 E contra o filho
 Que ama , e naõ vê ;
 Assim se queixa : .

Onde t' escondes ?,
 Porque fugiste ?
 Sem te lembrates
 Venus ficava
 Saudosa , e triste.

Sem ti Adonis
 Feio parece ;
 Marte sem ti
 Doces encantos
 Me não merece.

Vêm a meus braços ;
 Prenda querida ;
 E sem demora
 Vem a meu peito
 Dár nova vida.

Debalde em Gnído
 Ver-te pensei ;
 Em Chypre , e Paphos
 Da mesma sorte
 Em vaõ busquei.

Já que não ouves
 O meu chamar,
 Ao mesmo Averno
 Se p'ra lá foste
 Te irei buscar.

Qual veloz seta
 Que o ar sacode;
 Venus partio
 Buscando amor
 Que achar não pôde.

Corre em vaô todo
 Reino da morte;
 Te que por sim
 Junto a Marilia
 A guia a sorte.

No seu cabello
 Que tem cahido,
 Alegre a Deosa
 Encontra amor
 Nelle perdido.

LYRÁ XI.

Ergástulo cruento
Onde naõ entra a Aurora !
Pensas que a sombra tua
A vida me devora ?

Naõ penses tal maldade ,
Eu morro de saudade .

Se pensas que os teus ferros
Horriveis , e pezados ,
Me tem os ríjos ossos
Com dores traspassados ;
Naõ penses tal maldade ,
Eu morro de saudade .

Se pensas que a tristeza
Desta masmorra escura ,
Me leva por momentos.
A' fria sepultura :

Naõ penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se o álito que deitas
Tu julgas que me empesta;
Se pensas que a matar-me
Já pôuco , ou nada resta:

Naõ penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se a falta de alimento ,
Se a trabalhosa lida ,
Tu pensas que me tiraõ
As forças para a vida :

Naõ penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate ;
Ecuidas que me vence
Taõ rígido combate :
 Não penses tal maldade ,
 Eu morro de saudade.

Se pensas que essas fúrias
Alectos , e Megéras ,
Me pódem dentro d'alma
Tirar d'amor as véras :
 Não penses tal maldade ,
 Eu morro de saudade.

Se pensas que da sorte
O horrido governo
Me leva a cada passo
Ao tenebroso Averno :
 Não penses tal maldade ,
 Eu morro de saudade.

Já que até agora,
Horrido canto
Com turvo pranto
Soltei ao ar:
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Não saõ os ferros
Que me atormentaõ ;
Nem mais aumentaõ
Este pezar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Tudo sofrera ,
Nada sentira ;
Se aqui te vira
Neste lugar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Só com teus olhos,
 Breves instantes,
 Dias brilhantes
 Me podes dar.

Por ti Marilia
 Vou suspirar.

Quando discorro,
 Que te não vejo,
 Nem hum bocejo
 Posso formar:
 Por ti Marilia
 Vou suspirar.

Vencerás tudo
 Quanto me aterra;
 Não temos guerra
 Tendo-te a pá:
 Por ti Marilia
 Vou suspirar.

**Estes trabalhos
Naō me daō corte ;
Conduz-me á morte
Naō te gozar.**

**Por ti Marilia
Vou suspirar.**

**Mas basta já de canto :
Ergástulo cruento !
Bem vés que naō me aterra
Teu horrido tormento.
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.**

**Se aqui vier hum dia
Marilia linda , e bella ,
A quem minha alma adora ;
Lhe dize , que por ella
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.**

L Y R A XII.

Fotuna, e Dirceo.

De Cresso as riquezas
Te mostro , Dirceo ,
Se deixas Marilia
Será tudo teu.

Serás grande senhor ,
De nada val amor.

De marmor Marpezio ,
De Tectos dourados ,
Teus grandes palacios
Seraõ respeitados.

Serás grande senhor ,
De nada val amor.

Em aureas Berlindas,
Por Urcos puxadas,
Serás conduzido
Com armas gravadas.

Serás grande senhor,
De nada val amor.

A pompa luzente
Da Corte brilhante
Dirceo por honrar-te
Terás todo o instante.

Serás grande senhor,
De nada val amor.

Se luxo quizeres
Terás luxo tanto;
Que dês aos mais horas
D'inveja, e de pranto.

Serás grande senhor,
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas
A propria grandeza ;
Que tudo he sublime,
Aonde ha riqueza.
Serás grande senhor ,
De nada val amor.

Se Throno quizeres
Dar-te-hei alto Throno ;
De terras , e Reinos ,
Dirceo , serás dono.
Serás grande senhor ,
De nada val amor..

Apenas deixares
Marilia formosa ,
De tudo o que digo
Sem dúvida goza.
Serás grande senhor ,
De nada val amor.

Dirceo.

Fortuna, que buscas
Com tantos poderes ;
Com outros reparte
Teus grandes haveres.

Naô quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

A prata burnida
Por maô delicada
A frente taô branca
Naô he comparada.

Naô quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Quaeas saô as Saftas ,
Que breves instantes .
Lhe deixem sem lustre
Seus olhos brilhantes

Naô quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

As rozas mais rubras,
 A cõr da Açucena,
 Lhe mostraõ na face,
 Que lucida scena !

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Na boca formosa,
 Rubis delicados,
 Lhe deixaõ pequenos
 Recintos fechados.

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Mas ah ! que eu naõ busco
 Marilia pintar-te ;
 Por outros motivos
 Dezejo raivar-te.

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Se tu pôdes tanto,
 Fortuna invejosa ;
 Porque me naô tiras
 Marilia formosa ?

Naô quero ser senhor ,
 Mais rico sou d'amor.

Marilia he constante ,
 Dirceo se desvella ,
 Mais bens naô desejaô
 Nem elle , nem ella.

Naô quero ser senhor ,
 Mais rico sou d'amor.

Val tanto Marilia ,
 Fortuna cruenta ;
 Que a seus predicados ,
 Que mais s'accrescenta ?

Naô quero ser senhor ,
 Mais rico sou d'amor.

Se tu por Marilia
 Me dás prata, e ouro
 He que ella mais val
 Que todo o Thesouro.

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amer.

Se pompa, e grandeza
 Por ella me tornas;
 Com ella, oh Fortuna,
 O templo mais ornas.

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Eu quero a Marilia
 Naõ quero riquezas;
 No extremo sou grande,
 Naõ busco grandezas.

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

50. MARILIA

Se pobre me vires,
Eu nunca exespero;
Pois tenho a Marilia
De ti nada quero.

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Fortuna, naõ quero
Mais verte, importuna;
Quem tem a Marilia
Tem toda a fortuna,

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

De mim, oh Fortuna,
Te vinga raivosa;
Porque a ti prefiro
Marilia formosa.

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

L Y R A XIII.

Em carro de branca neve
Pelos Aquilões puxado,
Assoprando ríjos ventos,
Vai fugindo a longos passos
O triste Inverno engilhado.

Comsigo levou
A fria Estaçāo;
Agora só corre
Branda viraçāo.

De Favonio a docil aura
 Já a Primavera respira ;
 E de pullulantes flores
 Vai vestindo os verdes campos
 Que o Inverno destruíra.

Ligeiros Zephiros
 Nas azas sostidos ,
 Por entre os raminhos
 Adejaó perdidos.

Com sôm medonho esta fonte
 No triste inverno corria ;
 Hoje egn segredo murinura
 Convidando o caminhante,
 Com a linfa pura , e fria.

Com sereno passo
 Por estas campinas
 Os pés vai beijando
 A's lindas boninas.

Que feiticeiros encantos
 Não prezenta a natureza !
 Quanto os meus olhos alcanção,
 Em tudo brilhando está
 Huma natural belleza.

Dispostas sem arte
 Mil cheirosas flores
 O prado matizaó
 Com vívidas cores.

Mas se a meu lado te visse ,
 Minha Marilia adorada ;
 Os transportes que em mim sinto ;
 Mais sublimes os faria .
 A tua face engracada.

Em teu lindo rosto
 Pôz a natureza
 Magicos encantos
 Da maior belleza.

L Y R A XIV.

Contente promette
Alcino Pastor
(A dar-lhe Marilia)
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia
Amor lhe promette;
Alcino gostoso
Os votos repete.

Marilia adorava
O seu Pescador
Sem elle hum momento
Naó tinha calor.

Dirceo desvelado
Por ella morria;
As trutas mais frescas
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece
Ser cousa odiosa
Roubar a Dirceo
Marilia formosa.

Mas tinha d'Alcino
Mil votos Amor ;
Pois era na Aldça
Mais rico Pastor.

Entrou o vendado
Na dura batalha ;
E sobre os amantes
Ciumes espalha.

Mas eraõ tão firmes
Os seus corações
Que o zello naõ pode
Quebrar-lhe as priões.

Amor caviloso
Que vive em receio;
Se vaõ a abraçar-se,
Se mette no meio.

Os braços abrindo
Os quer separar:
Mas fez nos amantes
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede
Que cumpra a promessa:
Amor as silladas
De novo começa.

No braço lhe pega,
A ella o prezenta,
E as faces rozadas
A elle lhe aumenta.

Marilia engracada
Sem ter turbaçao,
Põe logo raivosa
Os olhos no chaõ.

A elles voando
Lhos quer levantar ;
Mas ella constante
Os chega a fechar.

Do caro Dirceo
A voz escutando ,
Para onde elle vinha
Os foi levantando.

Accode-me , accode ,
Oh meu Pescador !
Marilia tu vinga
D'Alcino , e d'Amor.

A's vozes accorde
O Amante ligeiro ;
E toma nos braços
O bravo frecheiro.

De sorte o aperta ,
Q' Amor sossobrado ;
Lhe diz : *Não me mates*
Estou emendado.

Já sei quanto pôde
A firme constancia ;
Ou sendo em prezença
Ou quando em distancia.

Alcino raivoso
Entrou a bradar :
De ti amor cego
Me quero vingar.

*Já força naõ tens
Estupido amor ;
Enganas a gente
Naõ tendo valor.*

*Amor indignado
O busca ferir ;
Alcino de medo
Deitou a fugir.*

*Voltou-se aos amantes
E disse-lhe assim :
Busquei separa-los ,
Prende-los, mais vim.*

*Quiz dar-te Di CEO
Hum fero rival :
Se he firme a belleza
Astucia naõ val.*

60 . M A R I L I A

Dirceo a Marilia
Os braços lançou :
Amor de invejoso
Raiando voôu.

L Y R A . XV.

Já quando baixava Fébo
Do ponto do Meio dia ;
E nos fogosos Ethontes
Para o Sepulcro corria :

Marilia , Pastora bella ,
Brancas ovelhas pastava ,
Junto d'hum bosque frondoso
Que á margem do Téjo estava.

Sentada no tronco annoso ,
Que verdes folhas naõ tinha ;
Lançava as vistas ao longe
Para ver se Dirceo vinha.

Na maõ direita encostado
Tinha o divino semblante ;
E para vê-lo o Deos Loiro
Parava d'instante a instante.

Os olhos põe nas ovelhas,
 De novo ao monte os erguia ;
 Mas nas garras da saudade
 Dirceo , nem ovelhas via.

De longe a divisa amor
 Conhece-lhe a turbaçāo ;
 Pois só elle por Dirceo
 Lhe governa o coraçāo.

Bate as azas ; deu hum voo
 Junto da Pastora bella :
 Marilia estava de sorte ,
 Que naõ foi sentido della.

Amor entaõ s'escondeo
 Por detraz do tronco annoso ;
 Por lhe deixar campo livre
 Ao seu extremo saudoso .

Marilia , a quem já dos olhos
 Corria o sentido pranto ;
 Julgando que só estava ,
 Solta do peito este canto :

Pastor amado !
 Minha alma , e vida !
 Como sentida
 Aqui me tens ?
 Pastor que esperas ?
 Inda não vens ?

Como he possível
 Que te demores ?
 Sem ver que as horas
 Correndo vão ?
 Deixas Marilia
 Nesta afflição ?

Eu naõ te chamo,
Dirceo , ingrato ;
Teu terno trato
Mostrado tem ,
Que he só Marilia
Teu doce bem.

Nada duvido
Desta verdade ;
Mas da saudade
Fero rigor
Rival se mostra
Do meu amor.

Ah ! que eu me inflamo
Mais em querer-te ;
Porém sem ver-te
Oh justo Ceo !
Naõ te demores
Dirceo , Dirceo.

A saudade foi ta  forte
 De Marilia neste passo ;
 Que fica encostada ao tranco ,
 Deixando cahir o braço .

Deixa escapar hum gemido ,
 Bem proprio nesta paixa o ;
 A vista se lhe perturba ,
 Palpita-lhe o cora ao .

Amor de susto tremeo :
 Chega a ella de improviso ;
 E diz-lhe : *Marilia bella*
Deixa o pranto , solta a riso .

Dirceo na  tarda hum momento ;
Defraz da montanha o vi ;
Movendo ligeiros passos ,
Antes que eu te visse aqui .

*Por sinal vinhão cantando
Cantigas ao seu amor;
Quero repetir-lhe aquellas
Que pude tomar de cón.*

Marilia, minha amada !
Aonde estás, aonde ?
Marilia, minha amada !
Ah ! que ninguem responde.
Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada !
Aonde te hei de achar ?
Marilia, minha amada...
Naõ oiço alguem fallar.
Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada !

Marilia, doce bem !

Marilia, minha amada... .

Aqui não vejo algum.

Marilia, responde

Por boca d'amor

Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada !

Aonde te hei de ver ?

Marilia, minha amada... .

Eu sinto-me morrer.

Marilia, responde

Por boca d'amor

Ao terno Pastor.

Ainda mais Dirceo cantava,

Que eu não pude perceber :

Ah ! Marilia, quanto he justo

Teu inocente querer !

Mas ah ! não vês a Dirceo
 Como corre para nós?
 O Cervo buscando a Cerva ;
 Não , não corre tão veloz.

Amor calla ; ella levanta
 Os olhos té li fechados ;
 E vendo que Dirceo vinha ,
 Respira doces agrados.

Novo lustre lhe aparece
 Nas maxillas cõr de roza :
 Não ha Pastora no Téjo ,
 Como Marilia formosa.

No rosto lhe revoava
 Huma tão nova alegria ;
 Que sendo Marilia bella ,
 Inda mais bella a fazia.

Então Marilia soltando
 Vozes d'amor, e desvello;
 Já levantada do tronco,
 Ligeira se apressa a vê-lo.

Amor junto della corre,
 Que também amor queria,
 Pois enlaçava os amantes,
 Ter parte nesta alegria.

Diçeo chega, e traz nas mãos
 Venabulo forte aguçado,
 De sangue cheio, e o pelico:
 Também de sangue manchado.

Marilia se assusta logo;
 De novo treme, e desmaia:
 Amor os braços lhe estende,
 Porque na terra não caias.

Dirceo lhe diz : oh Marilia !
 O teu Pastor nada tem :
 Abre os teus luzentes olhos
 Não te assutes caro bem.

Levantou Marilia os olhos ,
 Lindos olhos cõr do Cœ ;
 E logo encontrou aquelles
 Do seu querido Dirceo.

Que sangue he esse , oh querido ?
 Marilia lhe perguntou :
 Dirceo sorrindo o semblante ,
 Desta sorte lhe falou :

Quando descendo de Serro
Trilhava o nosso caminho :
Vejo hum Javali deitado
Entre hum alto rosmarinho .

Tremi de susto lembrado
 Que tu hauias passar;
 Fosse mais tarde, ou mais cedo
 Janto daquelle lugar.

Sem trazer armas algumas
 Temi atacar a fera;
 Qual seria meu desgosto,
 Cára Marilia, pondéra.

Ligeiro busco a Montanha,
 Chego á Cabana, e tomei,
 D'entre os venábulos que tinha
 Este mais forte que achei.

Desço a montanha apressado;
 Vejo a fera, que sobia:
 C'os cabellos eriçados.
 Do lugar em que dormia.

*Cerro a ella : a m^{im} se avança ;
 Teu nome invoco , e d'Amor ;
 Feri-a logo , e na morte
 Não teve mais que huma d^{or}.*

*Vem comigo prenda amada ,
 Vem ver o triunfo meu :
 Para libertar M^{ari}lia
 Não teme a morte Dirceo.*

*Dá-me os teus braços em premio
 Deste trabalho que tirei ;
 Tu vives para Dirceo ,
 Dirceo para ti só vive.*

*Então estendendo os braços ,
 H^{um} ao outro se abraçou :
 Amor chegando-se a elles
 Mais os laços apertou.*

Amor cheio de prazer,
 Soltando as vozes ao ar;
 Em louvor dos dous amantes
 Assim começa a cantar:

*Marilia formosa
 Mais bella q' a roza;
 D'amor saõ desvellos
 Teus negros cabellos,
 Teu rosto gentil.*

*Amor te annuncta
 Prazer, é alegria,
 Nos braços amantes,
 Nos olhos brilkantes
 Do cárę Dirceo.*

*Dirceo, ca te auguro
 No tempo futuro;
 Mais ditas, e gosto
 Marilia no rosto
 Te pôde mostrar.*

*Constante ventura,
Carinhos, ternura
Terás conservada
No peito da amada,
No seu coração.*

*Os premios seão estes,
Seão estas as vestes,
Que amor vos destina;
A amar-vos espíria
No dia melhor.*

Tres vezes bateo as azas
Sobre Marilia, e Dirceo;
E rompendo os densos ares
Delles desappareceo.

He mais doce que o mel teu terno agrado.

S O N E T O,

Marilia chega, que Direço t'espera
Sobre as quadridas asas da alegria;
Chega querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja férina s'exaspera,

Apenas se Orizonte amanhécera,
E Fébo os leuros raios repartia;
Já dentro desta Aldéa se sabia,
Que a causa d'este bem, Marilia era.

Tu já vês como salta o Cordeirinho
Alegre atraç da māi no verde prado:
Ouves cantar o alado passarinho:

Pizas a inveja, sindo-te do Fada:
He mais puro que o leite o teu casinho,
He mais doce que o mel teu terno agrado.

Recebe os cultos deste peito amante.

S O N E T O.

O^r Marilia gentil, ao Templo vamos,
Onde amor tem na Pira fogo ardente;
Quero-te alli; desejo-te prezente;
Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande Portal; já que chegamos
Repara nesta Massa reluzente;
Impuro coraçāo não se consente
Em torno ás Aras, onde a vista alçamos.

Aqui d'Amor a chama s'accrescenta
Em todo o peito fido, alma constante;
Aqui se morde a intriga turbulenta.

Mas, Marilia! meu bem! hum breve instante
Ao Altar sobe, junto a Amor t'assenta,
Recebe os cultos deste peito amante.

F I M.

